



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

VELHICE E FINITUDE: ESPIRITUALIDADE COMO MECANISMO DE ATRIBUIÇÃO DE SENTIDO¹

**Carolina Schmitt Colomé², Mikaela Aline Bade München³, Luísa Da Rosa
Olesiak⁴, Alberto Manuel Quintana⁵**

¹ Recorte de Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

² Aluna de Graduação em Psicologia (UFSM), bolsista PIBIC/Cnpq, e-mail: carolcolome@gmail.com

³ Aluna de Graduação em Psicologia (UFSM), bolsista PROBIC/FAPERGS, e-mail: mikaelaaline@hotmail.com

⁴ Mestranda em Psicologia (UFSM), e-mail: luisa_drolesiak@hotmail.com

⁵ Professor Orientador, Phd em Bioética, Curso de Psicologia (UFSM), e-mail: albertom.quintana@gmail.com

RESUMO:

Como última fase do desenvolvimento, a velhice é concebida como estando diretamente associada à ideia de morte, a qual caracteriza-se por seu caráter amedrontador. Assim, o presente estudo teve como objetivo investigar a temática do envelhecer e da perspectiva de morte, enfocando a espiritualidade como atribuição de sentido. Trata-se de uma pesquisa de caráter clínico-qualitativo. Participaram 10 idosos de ambos os sexos, vinculados a uma Estratégia de Saúde da Família (ESF) de uma cidade no interior do Rio Grande do Sul. A coleta de dados deu-se através de entrevista semi-estruturada e utilizou-se a técnica de análise de conteúdo. Os resultados apontam a espiritualidade como estratégia de enfrentamento importante, associando-se a sentimentos positivos, bem como a um “fortalecimento” do velho enquanto sujeito que significa e atribui sentido à sua vida/morte. Conclui-se a imprescindibilidade de os profissionais de saúde considerarem tal dimensão, estando instrumentalizados para trabalhar com ela em seus fazeres profissionais.

INTRODUÇÃO:

O envelhecimento caracteriza-se como um processo complexo e multifacetado, que acompanha a todos, ao longo de toda a vida. É influenciado por diversos fatores, sendo eles relacionados ao gênero, estado civil, condição de saúde, nível socioeconômico, estilo de vida, dentre outros, colocando-se como uma construção sociocultural, para além de suas determinações cronológicas e biológicas (CASTRO, 2016; MARINHO et al. 2017). Na contemporaneidade, frente aos vários fenômenos experienciados pelo ser humano, o envelhecimento tem sido percebido como um dos mais desejados, e, paradoxalmente, um dos mais temidos pelos sujeitos. Sugere-se que, ao mesmo tempo em que se busca uma vida mais longa, recusa-se as marcas do envelhecer, sejam elas presentes no corpo físico ou no imaginário social. (DAMINICO; SANTOS, 2009).

Pode-se pensar que parte dessa “fuga” social em relação ao “sentir-se velho” esteja relacionada ao



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

fato de a velhice ser caracterizada como a fase da vida na qual a morte torna-se mais presente – em termos temporais e representacionais –, configurando-se como uma questão importante (ANDRADE, 2012). O corpo em processo de envelhecimento passa a ser temido e indesejado, o que causa rejeição à figura do velho e ao envelhecer em si, justamente por lembrar a finitude e despertar fantasias ligadas à morte (CASTRO, 2016). Nesse sentido, Kovács (1992) aponta que ao deparar-se com a ideia real de morte, o que resulta em medo e angústia, perde-se o controle acerca da vida que se tinha estabelecido até então. Isso demanda dos sujeitos a construção de novas verdades e domínios acerca do vazio de significados e representações que se instauram nessa vivência. Assim, a morte instiga e inspira ciências, filosofias, artes e religiões, no intuito de criar explicações e respostas às incógnitas que ela coloca. Segundo Coralli (2012), a morte é perpassada pelo misticismo, de maneira que a sociedade se estrutura em combate à mesma, tentando atribuir-lhe sentido.

Assim, alguns dos estudos sobre o assunto trazem que a espiritualidade se constitui como ferramenta importante para enfrentar a morte, através da crença em algo superior, muitas vezes vinculada a uma religião e imagem como, por exemplo, um Deus cristão, bem como a crença e criação de um significado à vida. Sugere-se, ainda, que a consciência e atribuição de sentido em relação à mortalidade melhora a qualidade de vida dos sujeitos que se veem defrontados com a finitude (KOVÁCS, 2007; HENNEZEL, 2004; 2006). Ainda, Arrieira et al. (2017) obtiveram como resultados de seu estudo que a espiritualidade pode gerar sentido de continuidade da vida, de alívio do sofrimento, de naturalidade da morte e de valorização do viver. Por meio da espiritualidade, é atribuído sentido ao sofrimento, aliviando-o. Ao considerar a fé, a oração e a meditação como suportes para o enfrentamento, percebe-se, inclusive, melhora na qualidade de vida e maior positividade e confiança acerca da perspectiva de futuro.

Ainda, Negreiros (2003) defende que a busca de um sentido para a vida, a presença da fé, a prática de virtudes e a crença na transcendência, tem impacto atenuante às novas formas de mal-estar na contemporaneidade vividas pelos idosos, no que diz respeito ao avançar da idade. Além disso, pode atuar como recurso para melhoria de condições de saúde e prolongamento da vida. Dessa maneira, o presente estudo teve como objetivo investigar a temática do envelhecer e da perspectiva de morte na velhice, enfocando a questão da espiritualidade e da atribuição de sentido à essa fase da vida.

METODOLOGIA:

O estudo consiste em um recorte uma pesquisa descritiva e exploratória, de cunho clínico-qualitativo (GIL, 2002; TURATO, 2013), a qual objetivou compreender as significações atribuídas por sujeitos idosos acima de 70 anos, acerca da velhice na contemporaneidade, bem como a compreensão dos mesmos acerca da morte e do luto. Assim, o presente recorte teve como foco a questão da atribuição de sentido frente à perspectiva de morte na velhice, aprofundando-se, mais especificamente, no papel da espiritualidade frente a esse cenário.

O contato com os participantes da pesquisa foi realizado através de seu cadastro em uma



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

Estratégia de Saúde da Família (ESF), situada em uma região carente de um município do interior do Rio Grande do Sul. Foram incluídos na pesquisa, dez sujeitos maiores de 70 anos, sendo 4 homens e 6 mulheres, com idades que variam de 71 anos à 86 anos. Os participantes foram indicados pela equipe da ESF selecionada, de modo a retratar o contato dos pacientes que realizaram atendimento naquele período. Com o intuito de preservar o sigilo e identidade dos participantes, seus nomes foram trocados pela letra E, seguida de um número que corresponde ao entrevistado.

O número de entrevistados, foi delimitado pelo critério de saturação da amostra, o qual consiste, conforme Minayo (2010) no entendimento que foi capturada pelo pesquisador a lógica interna do grupo, visto que se concebe que existe um número limitado de versões da realidade. Assim, a saturação de dados colocou-se quando o pesquisador alcançou a compreensão da homogeneidade, da intensidade e da diversificação dos dados necessários para a pesquisa.

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, com questões abertas. Buscando maior flexibilidade nas conversas, essas contaram com eixos norteadores como guias, os quais contemplavam as temáticas em pauta (MINAYO, 2010). Já a análise dos dados, foi realizada por meio da análise de conteúdo, a qual corresponde à reunião do material em diferentes categorias temáticas, selecionadas pelo critério de repetição e relevância dos assuntos abordados pelos participantes (BARDIN, 2010; MINAYO, 2010; TURATO, 2013). Assim, as entrevistas foram transcritas na íntegra e, após, lidas e relidas a fim de encontrar conteúdos recorrentes e importantes. O presente trabalho apresentará uma das categorias elencadas, concernente à espiritualidade e atribuição de sentido frente à perspectiva de morte na velhice.

Este estudo segue os princípios regidos pela Resolução 510 de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, a qual guia a ética nas pesquisas com seres humanos em Ciências Humanas e Sociais (BRASIL, 2016). Contemplando as exigências da Resolução, foram respeitados os princípios da autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade, assegurando os direitos e deveres dos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado. Ressalta-se que a pesquisa somente foi colocada em prática após a aprovação do Núcleo de Educação Permanente em Saúde (NEPES) e do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFSM, sob o número CAAE: 81642117.5.0000.5346.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

De acordo com Pegoraro (2009), o país encontra-se em pleno envelhecimento populacional, fato que impõe desafios e demanda mudanças dos paradigmas relativos aos olhares que se direcionam à velhice e à saúde do idoso. Segundo a autora, o aumento da expectativa de vida e a crescente promessa de longevidade a partir das ciências biomédicas, traz reflexões sobre o encontro inevitável - embora cada vez mais "adiado" - com a finitude, bem como com o que ela desperta nos sujeitos.

Pontua-se que no imaginário social, morte e velhice ainda são vistas como relacionadas entre si, ambas simbolizando uma ameaça à ideia de imortalidade nutrida na contemporaneidade. Assim, embora envelhecer não seja um sinônimo do fim de vida e a morte não ocorra apenas nessa fase,



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

banaliza-se o sofrimento e a angústia em relação a morte quando esta advém na velhice, uma vez que é entendida como algo natural e esperado nessa etapa da vida (VIANNA, LOUREIRO; ALVES, 2012). Entende-se que embora a velhice não seja um fator determinante para a ocorrência da morte, a idade avançada pode remeter o sujeito à ideia da sua proximidade, produzindo assim angústia e necessidade de construir significado para essa ameaça (ROSA, 2014; HANUS, 2009). É possível perceber, pelas falas de E2 e E9, essa incerteza em relação ao futuro e ao momento da morte: “Eu não sei o que vai ser... vai se levando né, não sei o que que vai acontecer, não sei o que que tá pela frente da vida da gente (...) eu não tenho mais planos né, só de Deus...”, e “Vem, toda hora vem, ‘como que vai ser [a morte]’. Tomara que eu não incomode muito... a gente procura tá sempre pronta. Quando Deus chama tem que ir né...”

O fato de ‘não se ter mais planos’ simboliza o grande ‘não saber’ que se coloca frente à morte, a qual é encarada por E2 como uma próxima etapa, seguinte ao envelhecer. Já E9, destaca que pensa a todo o momento sobre como será sua morte, procurando ‘estar sempre pronta’, como uma maneira de encarar esse momento, o qual não se conhece e se é tão difícil de representar. Assim, embora a tomada de consciência sobre a finitude seja constitutiva do ser humano, esta também pode se colocar como uma ferida narcísica, uma vez que põe em questão a ilusão de onipotência e imortalidade vivenciadas pelos sujeitos, justamente por apresentar-se como algo sobre o qual não se tem conhecimento (KOVÁCS, 1992). Segundo Kubler-Ross (2008), cada um dos sujeitos traz dentro de si uma concepção e representação singular sobre o morrer, uma vez que há várias mortes e perdas no transcorrer da vida, às quais podem ser de ordem emocional, social ou somática. Estas contribuem para a tentativa de atribuição de sentido, qualidades e personificações à finitude na busca de significar a mesma. Ainda, Mannoni (1995) aponta que se vive como se a morte não fosse existir, de maneira que se torna difícil nomeá-la, pelo temor que causa, como exemplifica E4, ao ser questionado sobre se pensa sobre a morte: “Eu penso, penso sim... eu fico, o que que existe depois, isso aí eu me preocupo muito... o que vem depois...”. Já E1 e E2, preferem não se defrontar com a ideia de aproximação de sua finitude: “Não! Eu não penso [na morte]. Quando Deus quer me levar eu vou embora [...] eu não gosto de falar essas coisas” e “Eu não gosto de pensar na morte. Tiro o pensamento na hora assim.”

Assim, como alternativa ao vazio de significados e representações trazidos pela morte, o que, como confirmam E1 e E2, gera mal-estar e desconforto, pode-se criar uma rede de símbolos para retirá-la do estatuto de ameaça, permitindo-se interpretações para as vivências relacionadas a ela. Nesse sentido, segundo Pegoraro (2009), Reis e Menezes (2017) e Marinho et al. (2017), a fé tem sido uma ferramenta utilizada pelos idosos na tentativa de responder a vários questionamentos que o próprio envelhecimento traz. Além disso, a crença em “algo superior” no sentido existencial tem sido colocada como responsável pela superação de momentos difíceis enfrentados pelos velhos. É possível observar a primeira fala mencionada de E2, em que ele relata ‘não ter mais planos, só [planos] de Deus’, bem como na fala de E9, que traz que ‘quando Deus quer tem que ir’, ambos demonstrando confiar seu destino à vontade desse ser superior, atribuindo sentido ao seu futuro. Ainda, pode-se perceber aspectos semelhantes no depoimento de E3:

[...] Eu agradeço todos os dias a Deus que eu sobrevivi, meus filhos tão amparados, levanto todos os dias e peço pra Deus que me cuide, e peço



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

pra Deus que eu quero ficar aqui na Terra, mas quero ficar com saúde. Não quer ficar doente pra dar trabalho pros outros. Mas eu tenho essa esperança que Deus, ele tá comigo. Tá comigo. (E3)

Observa-se como a presença de Deus tem um efeito reconfortante para E3, uma vez que o participante demonstra confiar a sua permanência 'aqui na Terra' à vontade deste ser, atribuindo, assim, sentido à sua vida e à possibilidade de sua morte, o que torna mais fácil defrontar-se com esta última. Em relação a questões referentes à espiritualidade, Kovács (2007) aponta que esta coloca-se além de religiões ou dogmas específicos, devendo ser entendida justamente como busca por sentido da vida e da morte, numa tentativa de dar continuidade à existência, associando-se à transcendência, a alguma "força superior" ou a algo divino. Cada sujeito tem sua maneira singular de expressar (ou não) a sua espiritualidade. No que tange aos idosos, Mello e Araújo (2013), bem como Reis e Menezes (2017) tratam que o sentido da espiritualidade para os velhos costuma vir associado ao contato íntimo com Deus ou uma força maior, através da fé, da oração, da leitura da Bíblia, da reza do terço, como forma de entrar "em sintonia com o universo", proporcionando-se para os sujeitos um encontro de si mesmos e conseqüentemente um melhor enfrentamento dos temores trazidos pela velhice e pela ideia de morte. A espiritualidade revela-se como importante estratégia de resiliência no 'existir' do velho, proporcionando uma vivência mais satisfatória e prazerosa dessa fase da vida. Tal ideia é reforçada pelo que traz E6: "Por exemplo, eu se tô aqui as gurias ligam a TV, gostam de novela, e eu, mais silêncio que tem pra mim, é falar com Deus. É a coisa mais preciosa do mundo, eu não sei por que", e:

[...]Eu rezo muito, tu viu eu tenho santuário ali, e eu rezo muito, então eu digo Jesus me dá inteligência, sabedoria, boa memória, pra mim poder conversa contigo. Eu converso com Jesus, como eu converso com uma pessoa. Se não, não teria aguentado né... tem aquele cantor padre que canta, 'o que que eu sou sem Jesus, nada, nada, nada'. Não semos nada, nada, nada, nem tu aqui ó, não é nada. Sem ele não semo nada, tu sabe que eu tô tomando os remédio e vá remédio, vá remédio e digo meu Deus do céu esses remédio aqui Jesus eu vou tomar agora, mas tu tira tudo que eles tem de ruim, deixa só o que eles tem de bom e devagar Jesus, quando me dói o joelho eu ofereço pra ele como oração, mas que ele me tire essa dor, de poder caminhar[...] (E6)

Para E6, conversar com Deus e com Jesus constitui-se como fonte de paz, tranquilidade e confiança no futuro. Sua fé serve como sustentação dos momentos difíceis que viveu, pois, segundo o participante 'se não, não teria aguentado', ou seja, sem a presença desses seres superiores, acredita que não teria conseguido superar as dificuldades vividas. Convergente a essa ideia, Vieira (2009) traz que a vivência da espiritualidade pelos velhos aparece em seu estudo como uma experiência que favorece a socialização, o contato consigo mesmo e a reflexão sobre a vida e a morte, podendo ganhar maior ênfase ao longo do processo de envelhecimento. Ainda, significações sobre espiritualidade na velhice estiveram vinculadas a atitudes e valores transcendentais considerados positivos, já que os idosos se sentem mais fortalecidos para lidar com os acontecimentos da vida, como a proximidade da morte e a presença de doenças, além de



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

sentirem-se consolados frente ao medo da perda das atividades laborais, das aptidões físicas e da solidão.

No que tange à socialização, como apontado por Vieira (2009), percebe-se que a participação em grupos de idosos também pode ser estimulada pela vivência da espiritualidade, estando muitas vezes tais grupos vinculados à igreja ou centros de convivência religiosa. E3 relata:

Esse [grupo] da terceira idade, nós aqui da igreja católica, nós vamos sempre quando a dona X e dona Y fazem excursão, nós vamos com elas. É da terceira idade. É bem bonito e elas são muito atenciosas com as pessoas, e é só pessoa idosa. É muito bonito. (E3)

A literatura aponta a importância de grupos como o trazido por E3 como fatores de proteção à saúde mental na velhice, uma vez que promovem convivência e troca entre os pares. Oliveira e Costa (2011) encontraram como resultados de seu estudo que idosos participantes de atividades ligadas à igreja apresentam perfil mais favorável ao envelhecimento ativo, incluindo melhor desempenho cognitivo e funcional, quando comparados aos não-participantes. A participação nessas atividades parece ser benéfica para manutenção da capacidade funcional para o envelhecimento ativo e saudável. Ainda, Leite e Cappellari (2006) encontraram que dentre as razões que levam os idosos a participar de grupos está a interação pessoal e o compartilhar afeto, amor, alegria, tristeza, conhecimentos, bem como a satisfação de poder estar com outras pessoas. Realizam atividades, conversam, sorriem, dançam, fortalecem laços.

Desse modo, em vista do que foi exposto e frente a importância da atribuição de sentido à experiência de velhice e de proximidade da morte, coloca-se a relevância do presente estudo, destacando-se a imprescindibilidade da assistência espiritual por parte dos profissionais de saúde (ARRIEIRA et al. 2017; MARINHO et al. 2017; NUNES et al. 2017). Para Kóvac (2007), tal amparo dá-se através da escuta das dúvidas, pensamentos e crenças dos pacientes, sendo esse ato (o de escutar) livre de dogmas ou credos religiosos, embora estes possam estar presentes nos relatos dos pacientes. Ainda, a partir da compreensão de que a percepção da morte é o que gera sentido para a vida, ressalta-se a relevância da espiritualidade como um recurso de enfrentamento que permite essa atribuição de sentido, o que pode promover saúde tanto no sentido de trazer paz, tranquilidade e conforto para os velhos que defrontam-se com sua finitude, como também, como visto por último, constituindo-se como uma rede de apoio quando vinculada a grupos de convivência e interação entre os idosos que dividem e compartilham suas vivências, significando-as.

Como limitações do estudo, coloca-se o viés socioeconômico da amostra, uma vez que os idosos participantes foram contatados a partir de uma Estratégia de Saúde da Família (ESF) localizada em uma região carente de um município no interior do Rio Grande do Sul. Dessa maneira, os dados não podem ser generalizados para a população idosa de modo geral, levando-se em considerações as devidas diferenças sociais e culturais do referido recorte de participantes. Destaca-se a escolha por esse público justamente por, muitas vezes, serem considerados limitados em sua capacidade discursiva e, por esse motivo, não serem buscados ou escutados.



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

CONCLUSÃO:

Na contemporaneidade, compreende-se a morte a partir de seu caráter amedrontador e até mesmo terrificante, o qual coloca o sujeito em uma posição onde não se tem saberes, representações, denotando um vazio de significados. Somado a isso, entende-se que por ser a última fase do desenvolvimento humano, a velhice é concebida, no imaginário social, como estando diretamente associada à ideia de morte, embora saiba-se que ambas não são determinantes uma da outra, além de que a morte pode se apresentar em outras fases da vida.

Essa naturalização da finitude associada aos velhos, demanda desses um processo de elaboração que os permita lidar com a proximidade do fim. Dessa forma, identifica-se que uma das ferramentas utilizadas por esses sujeitos como uma maneira de atribuir sentido à morte seria a espiritualidade. Esta última não necessariamente vem atrelada a uma religiosidade, mas sim na crença em “algo superior”, na atribuição de sentido às experiências que se vive.

Assim, a literatura e os depoimentos dos participantes apontam a espiritualidade como uma estratégia de enfrentamento importante, já que está associada a sentimentos positivos, bem como a um “fortalecimento” do velho enquanto sujeito que significa e compreende a sua história e atribui sentido à sua vida. A partir das mais diferentes crenças, os idosos significam suas vivências e seus temores frente à morte, bem como sentem-se amparados frente às dificuldades que possam advir e mais confiantes em relação ao futuro e ao seu destino. Destaca-se, ainda, que a convivência em centros religiosos se coloca como importante ferramenta de promoção de saúde, caracterizando-se como espaço de trocas e compartilhamento de experiências de tristeza e alegria.

Dessa maneira, percebem-se como inegáveis os benefícios que a vivência da espiritualidade pode trazer aos sujeitos velhos, principalmente no que tange ao enfrentamento da perspectiva de morte, característico dessa fase da vida. Assim, torna-se imprescindível que os profissionais de saúde considerem a dimensão da espiritualidade, estando instrumentalizados para trabalhar com ela em seus fazeres profissionais.

PALAVRAS-CHAVE: Religião; Psicologia; Morte.

AGRADECIMENTOS:

Ao PIBIC/Cnpq.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, M. A. R. Representação da morte na velhice: diferentes concepções a partir de histórias de vida de idosas. **Revista Puc SP**. 2012. Disponível em: . Acesso em 14 de julho de 2018.



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

ARRIEIRA, I. C. O. et al. O sentido da espiritualidade na transitoriedade da vida. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem. n. 21. 2017. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/comocitar.oa?id=127749356012>>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2019.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes. 2010.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução N° 510 de 07 de abril de 2016**. 2016. Disponível em: . Acesso em: 06 de fevereiro de 2019.

CASTRO, G. S. O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 31, p. 79-91, 2016. Disponível em: . Acesso em: 05 de fevereiro de 2019.

CORALLI, B. O silêncio coletivo: a morte na atualidade e o desconforto causado por ela. **Psicologia PT**. 2012. Disponível em: . Acesso em: 14 de julho de 2018.

DAMINICO, J. G. S., & SANTOS, F. C. O mal-estar na velhice como construção social. **Revista pensar a prática**, n. 12, v. 1. 2009. Disponível em: . Acesso em 14 de julho de 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HANUS M. Les deuils au grand âge. **Études sur la mort**, n. 1, v. 135, p. 89-97. 2009.

HENNEZEL, M. **A morte íntima**. São Paulo: Ideais e Letras, 2004.

_____. **Morrer de olhos abertos**. Alfragide: Casa das Letras, 2006.

KOVÁCS, M. J. Espiritualidade e psicologia - cuidados compartilhados. **O Mundo da Saúde**. São Paulo, n. 31, v. 2, p. 246-255. 2007. Disponível em: >. Acesso em 14 de julho de 2018.

_____. Representações da morte; Medo da morte; Atitudes diante da morte. In: KOVÁCS, M. J. (org.), **Morte e desenvolvimento humano**, São Paulo: Casa do Psicólogo Editora, p. 1-13; 14-27; 28-47, 1992.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes, 2008.

LEITE, M. T., CAPPELLARI, V. T.; SONEGO, J. Mudou, mudou tudo na minha vida: experiências de idosos em grupos de convivência no município de Ijuí/RS. **Revista Eletrônica De Enfermagem**, n. 4, v. 1. 2006. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/746>>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2019.

MANNONI, M. **O nomável e inomeável: a última palavra da vida**. Editora: Jorge Zahar Editor, 1995.

MARINHO, M. S. et al. Longevidade e espiritualidade: o envelhecer como uma dádiva de Deus.



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

RBCEH, Passo Fundo, v. 14, n. 2, p. 159-168, 2017. Disponível em: . Acesso em: 06 de fevereiro de 2019.

MELLO, M. A.; ARAÚJO, C. A. Velhice e espiritualidade na perspectiva da Psicologia Analítica. **Bol. Acad. Paulista de Psicologia**, n. 84, v. 33, p. 118-141. 2013. Disponível em: . Acesso em: 14 de julho de 2018.

MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2010.

NEGREIROS, T. C. G. M. Espiritualidade: desejo de eternidade ou sinal de maturidade? **Revista Mal-estar e Subjetividade**, n. 2, v. 3, p. 275-291. 2003. Disponível em: <<http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/4869/3878>>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2019.

NUNES, M. G. S. et al. Idosos longevos: avaliação da qualidade de vida no domínio da espiritualidade, da religiosidade e de crenças pessoais. **Saúde e Debate**, n. 115, v. 41, p. 1102-1115. 2017. Disponível em: . Acesso em: 06 de fevereiro de 2019.

OLIVEIRA, A.; COSTA, P. Perfil demográfico, clínico e funcional de idosas participantes e não-participantes de atividades comunitárias ligadas à igreja. **Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo**, n.22, v.2, p. 153-161. 2011. Disponível em: . Acesso em: 05 de fevereiro de 2019.

PEGORARO, A. C. Espiritualidade na velhice: um desafio para o campo religioso brasileiro. **Revista Brasileira de História das Religiões**, n. 3, v. 1. 2009. Disponível em: . Acesso em: 14 de julho de 2018.

REIS, L. A.; MENEZES, T. M. O. Religiosidade e espiritualidade nas estratégias de resiliência do idoso longevo no cotidiano. *Revista Brasileira de Enfermagem*, n. 70. 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/2670/267052023014/>>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2019.

ROSA, C. M. Silêncio, exclusão e morte: o trabalho do negativo na velhice. **Polêmica**, n. 13, v. 1, p. 929-944. 2014. Disponível em: . Acesso em: 14 de julho de 2018.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2013.

VIANNA, L. G., LOUREIRO, A. M. L.; ALVES, V. P. O velho e a morte. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, n. 15, v. 4, p. 117-132. 2012. Disponível em: . Acesso em: 14 de julho de 2018.

VIEIRA, M. J. O. **Velhice e espiritualidade: reflexões sobre as transformações do envelhecer**. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília. 2009. Disponível em: . Acesso em: 14 de julho de 2018.



6° CONGRESSO
INTERNACIONAL
EM SAÚDE CISaúde

Vigilância em Saúde: Ações de Promoção,
Prevenção, Diagnóstico e Tratamento



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)